

## ***O REI CEGUETA, OU O CURADOR FERIDO OU O PROFESSOR EQUIVOCADO OU QUALQUER COISA DO GÊNERO.***

A terra era de cego. Ele tinha um olho. Ele era rei. Parecia que dele tudo emanava. Era uma fonte que jorrava filosofia, frases bem construídas, conclusões acerca dos comportamentos das pessoas, recitava, dizia o que se tinha que fazer, e todos faziam. Sempre com aquele único olho bem aberto, via que os que o rodeavam eram cegos. Cegos não só porque não tinham olho, mas cegos também porque achavam legal ter alguém para enxergar por eles. Às vezes ver as coisas é incômodo, pode trazer responsabilidade. É melhor ter já a coisa vista na mão. Olhos de olhar ardem menos que olhos de ver. Às vezes, para ver é preciso descortinar, isso dá trabalho. Há cortinas muito pesadas, espessas. Têm uma poeira acumulada que sacudida pode sufocar. Gostava daquilo, ver para, pelos, nos outros. Era um olho só, mas, às vezes, por conta de no fundo ser meio cegueta também, seu único olho lhe parecia três. Aboliu o espelho de sua vida e decidiu: tenho três olhos. Passou a cultivar um tipo de distorção para mais, que lhe causava um efeito visual delirante que o empolgava muito, e o fazia esquecer que era rei, porque a terra era de cego. Foi se tornando tão ocupado em ver para, pelos nos outros que começou de vez a desviar o olhar de si próprio. Mas nesse ponto ele era igual aos cegos de sua terra: não estava muito interessado em se encontrar consigo mesmo, porque nesse encontro poderia bater-se em suas limitações. Isso ao seu ver o destronaria. Era cordial no trato, mas só se fosse ouvido e acatado atentamente pelos privados de vista que o procuravam. Realmente achava que “cegos” não podem discutir, debater com monooculares. Ficou meio prepotente e só os outros lhe pareciam problemáticos, fracos, difíceis, passivos. Seus olhos só viam, ou melhor, reparavam, ou melhor ainda, perseguiam os outros. Começou a gostar daquela solidão poderosa que o desviava de si mesmo e o desresponsabilizava de tratar de suas próprias feridas e encrencas. Virou um “workaholic” com tripla jornada. De manhã, de tarde e de noite era pura ocupação. Muito trabalho com todos aqueles que lhe pareceram sempre muito carentes. Tornou-se uma espécie de professor inquestionável, de terapeuta inadiável, de criatura imprescindível. Fez isso por muitos anos. Até que um dia, uma criança com um meio olho na terra de cego nasceu. Mas como estava muito ocupado não percebeu o rebento. A tal criança de meio olho, com o seu atento quarto de visão enxergou que aquele que se acreditava com três olhos, na verdade, tinha um só. Viu que o que parecia sobra, fartura, bastante, na verdade, era falta. Com o seu meio olho, viu também que o olho do homem de um olho só, que era rei, porque a terra era de cego, possuía uma sombra, uma espécie de catarata existencial, algo que o impedia de ver-se a si próprio. A criança notou também que o rei cegueta estava sempre cansado, coçava a sua vista única o tempo todo, lançava mão toda hora de colírios que lhe pudessem clarear a visão. Investindo numa espécie de economia visual já falava sem olhar para os que o procuravam. Tinha sempre tanto a enxergar que já nem via direito o que olhava. Foi nesse cenário de sobrecarga, impaciência e descaso que a criança de meio-olho com um quarto de visão resolveu revelar sua existência. O rei cegueta gritou, quis furar o quarto válido do olho da criança. Assustada com a violência daquele a quem era

delegado o poder de enxergar por todos de sua cega cidade, a criança tirou de seu bolso um espelho mágico falante e conseguiu fazer com que o rei de um olho só fosse refletido nele. E aí o espelho começou a desempenhar a sua função. Todos os que nele se miravam seriam por ele refletidos em sua plenitude e o espelho começaria a falar tudo que o reflexo mostrava. Foi nesse momento que o espelho disse:

***“ tu que crês ter três olhos, tens apenas um  
Que já anda meio embaçado .  
Tu que pareces deter as soluções, estás cada  
vez com mais problemas.  
Tudo que em ti parece sobrar, na verdade é  
Falta e carência.  
Tu que pareces tão grande, estás parado no  
mesmo momento em que te afastaste de ti.  
Estás minguando.  
O teu cansaço e impaciência são sinais de que  
não podes dar conta do que assumiste como  
tarefa só tua.  
“O sábio tudo opera – e nada considera seu.  
Tudo faz – e não se apega à sua obra.  
Não se prende aos frutos da sua atividade.  
Termina a sua obra e está sempre no início.  
Por isso sua obra prospera.”  
Tua desolação é fruto da perspectiva única que  
com o teu único olho adotaste.  
Aceita as tuas limitações e procure ultrapassá-  
las.***

A essa altura o espelho mágico falante se cala e pula de novo para o bolso da criança de um quarto de visão. A criança corre e deixa o rei cegueta sozinho. Será que o rei percebeu que estava nu? Não sei.